



PAULO

O ESPÍRITO E O POVO DE DEUS

GORDON D. FEE

Em *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*, Gordon Fee, acadêmico pentecostal, redefine as bases das discussões sobre o Espírito Santo e transcende o modelo atual de tendência “carismática” ou “não carismática”. Suas palavras são um notável lembrete do que Deus, por meio de seu Espírito Santo, pretende que a igreja seja. [...] Essa obra é uma iniciativa que visa a nos remeter de novo à Bíblia e a revitalizar nossa visão sobre como o Espírito mobiliza a comunidade de crentes na igreja local.

Wendy Murray, autora e ex-colunista da revista
Christianity Today

Gordon Fee, um verdadeiro mestre em exegese, tonifica as palavras *Espírito, espírito e espiritual*, as quais foram enfraquecidas por ação de uma complacência subjetivista e pela falta de labor exegético. Com exatidão, exuberância e entusiasmo, ele consegue recuperar o papel e o sentido do Espírito em Paulo, algo que, para nós, cristãos, representa um forte estímulo e uma orientação confiável que podem nos levar à retomada da experiência da presença de Deus em nossa vida. Eis um livro eminentemente prático, voltado para quem deseja viver numa relação de continuidade com tudo o que foi revelado em Jesus e concedido no Espírito.

Eugene H. Peterson, professor emérito de Teologia
Espiritual na Regent College e um dos autores de
Hermenêutica (Shedd)

Entre os expositores da Bíblia que já conheci, Gordon Fee é um dos mais sofisticados. Sempre que ele fala ou escreve, procuro ouvir — e recomendo que você faça o mesmo.

Chuck Colson, fundador do ministério Prison
Fellowship Ministries

| SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Introdução	
<i>Um convite a uma releitura de Paulo</i>	15
1. Uma “teologia” do Espírito?	19
<i>O Espírito na teologia paulina</i>	
2. Deus revisita seu povo	29
<i>O Espírito como presença renovada de Deus</i>	
3. Um “espírito” santo?.....	47
<i>O Espírito como pessoa</i>	
4. Deus em três pessoas	61
<i>O Espírito e a Trindade</i>	
5. O começo do fim.....	75
<i>O Espírito como prova da “presença do futuro”</i>	
6. Um povo dedicado ao seu Nome.....	91
<i>O Espírito e o povo de Deus</i>	
7. Conversão: entrar (primeira parte)	103
<i>O Espírito e o ouvir o evangelho</i>	
8. Conversão: entrar (segunda parte).....	113
<i>O Espírito no ato de entrada</i>	

9. Conversão: permanecer (primeira parte).....	127
<i>O Espírito e a ética paulina</i>	
10. Conversão: permanecer (segunda parte).....	143
<i>O fruto do Espírito</i>	
11. A batalha de todo dia	159
<i>O Espírito contra a carne</i>	
12. Poder na fraqueza	175
<i>O Espírito, fraqueza no presente e oração</i>	
13. Para o louvor de sua glória.....	189
<i>O Espírito e a adoração</i>	
14. Aqueles dons polêmicos?	201
<i>O Espírito e os charismata</i>	
15. Daqui para onde?.....	219
<i>O Espírito para hoje e amanhã</i>	
Apêndice	
<i>Paulo, o batismo do Espírito e o batismo com água.....</i>	235
Índice de passagens bíblicas.....	247

| PREFÁCIO

Este livro teve uma história marcada por alternativas. É o livro que eu pretendia escrever há alguns anos a convite da Hendrickson Publishers, quando fui procurado por eles para “ampliar um pouco” o verbete sobre o Espírito Santo nas cartas paulinas que havia sido incluído no *Dictionary of Pentecostal and Charismatic movements* [Dicionário dos movimentos pentecostal e carismático] (Grand Rapids: Zondervan, 1988). Para minha grande surpresa, descobri enquanto escrevia o citado verbete que não havia nenhum livro sobre o assunto. Por isso resolvi escrever um livro que preenchesse tal lacuna.

Mas eu também estava ansioso por sustentar as conclusões propostas no artigo do dicionário. Então achei que precisava fazer uma exegese completa e detalhada de cada texto paulino que mencionasse o Espírito ou a atividade do Espírito. Assim nasceu *God's empowering presence* [A presença capacitadora de Deus] (Peabody: Hendrickson, 1994), obra daqui por diante citada pela inicial *GEP*, que acabou se tornando um tomo considerável, cheio de detalhes (necessários) e cuidadosas argumentações.

Assim, a primeira iniciativa resultou numa obra dirigida fundamentalmente a pastores e acadêmicos, e nela procuro proporcionar algum equilíbrio para nossas apresentações da teologia paulina. Apesar do muito que se tem comentado a respeito do importante papel exercido pelo Espírito na vida e no pensamento paulinos, os estudiosos do Novo Testamento, em geral, e os especialistas em Paulo, em particular, não têm dado a devida atenção a esse papel. Escrevi *GEP* em parte para preencher essa lacuna.

O que me levou à presente versão daquele material foi o receio de que as ênfases de Paulo — do modo que as compreendo — tivessem se perdido em meio à complexidade de *GEP* ou pela densa apresentação da teologia nos quatro capítulos finais.

Este livro propõe-se a fazer daquele primeiro material algo mais acessível a um número maior de leitores. Não se trata simplesmente do “livrão” reimpresso sem as mais de setecentas páginas de exegese. Embora a maior parte do conteúdo que aqui aparece seja inspirada em *GEP*, eu o reescrevi e reordenei profundamente, de forma que minhas próprias ênfases são tratadas com mais nitidez. Para ter acesso à base exegética de muita coisa aqui incluída, o leitor é sistematicamente remetido às páginas de *GEP*.

Para tudo isso contei com a ajuda de três pessoas. Em primeiro lugar, Patrick Alexander, da editora Hendrickson Publishers, que publicou *GEP*, incentivou-me a reservar tempo para escrever o presente livro. Em segundo, Chris Armstrong recebeu da Hendrickson a tarefa de reescrever os capítulos 1 e 12 a 16 de *GEP*, a fim de tornar o material mais favorável à compreensão do leitor. Seu trabalho serviu de base para boa parte deste livro. Em terceiro, Wendy Zoba, da *Christianity Today*, tomou a iniciativa que me levou a condensar as conclusões de *GEP* num artigo de tamanho apropriado para uma revista. Durante esse trabalho, consegui finalmente definir de modo satisfatório minhas ênfases e prioridades para o presente volume.

Para dar ao leitor uma ideia das diretrizes deste livro, relaciono aqui tais ênfases (ligeiramente modificadas em relação à forma em que apresentei a Wendy):

a. É provável que a ideia central fique clara apenas no fim de *GEP*, a saber, o testemunho de modo geral ineficaz e a irrelevância observada na igreja de cultura ocidental. Aqui, parece-me, é onde salta a real diferença entre Paulo e nós, porquanto, numa cultura semelhante à nossa, os primeiros cristãos parecem ter sido mais

eficazes do que nós. Estou convencido de que isso se deve em grande parte à sua experiência da realidade da presença do Espírito.

b. Esta é, pois, a questão que me incomoda na abordagem do tipo “uma coisa ou outra” em relação ao Espírito (ou “dons”, ou “fruto”), a qual parece ser uma forte característica do cristianismo contemporâneo. O Espírito era uma presença capacitadora para a igreja primitiva, e o poder se traduzia em fruto, testemunho e dons.

c. A igreja primitiva entendia o Espírito como o cumprimento das esperanças judaicas relativas à volta da presença divina (daí a absoluta importância da imagem do templo em Paulo), e isso era fundamental na experiência dos primeiros cristãos, pois significava que o Espírito não consistia apenas na presença pessoal de Deus nesses e entre eles (tanto individual quanto coletivamente), mas que o conceito que eles tinham de Deus precisava ser expandido e tornar-se trinitário. Portanto, embora ele não tenha usado essa linguagem, a nova concepção de Paulo relativa à existência (“estar em Cristo”) tinha uma essência trinitária.

d. Também fundamental para a experiência do Espírito era a autocompreensão da igreja primitiva como “inteiramente escatológica”, no sentido de “já, mas ainda não”. Os primeiros crentes de fato acreditavam que o futuro havia começado, atestado pelo derramamento do Espírito, que também servia de garantia da futura consumação.

e. No coração desse novo conceito, estava a consciência que eles tinham de ser o povo de Deus recém-constituído. O alvo da salvação em Cristo, cerne da teologia paulina, era a formação por parte de Deus de um “povo dedicado ao seu Nome”. E o dom do Espírito escatológico (o Espírito que serviu como prova de que o futuro havia chegado e como garantia de sua consumação) encontra-se no centro da salvação. Agora, a incorporação ao povo de Deus era feita individualmente, por meio da fé em Cristo e da experiência da realidade do Espírito, e essa verdade era crucial para o novo entendimento dos cristãos.

f. Embora as pessoas fossem incorporadas individualmente ao povo de Deus, o alvo não era simplesmente preparar indivíduos para

o céu, mas formar um povo que, pelo poder do Espírito, vivesse a vida do futuro (a vida do próprio Deus) na era presente. Portanto, o “fruto do Espírito”, embora efetivado por meio da participação individual, diz respeito principalmente à vida em comunidade — a exemplo do que se vê na ética de Paulo de modo geral.

g. O “Espírito doxológico”, agora o principal agente na adoração do povo de Deus recém-constituído, também concede dons ao povo, de modo que, tanto na concessão dos dons como na diversidade neles testemunhada, o corpo como um todo seja edificado para viver sua nova existência escatológica, enquanto os crentes aguardam a vinda definitiva de Deus.

Essa experiência pessoal e poderosa com o Espírito escatológico não somente os transformou no âmbito individual, mas também os capacitou a ser o povo das boas-novas na cultura pagã greco-romana. Essa é a razão por que penso que eles se saíram melhor do que nós e por que devemos recuperar um pouco daquela realidade.

Essas ênfases apresentadas anteriormente serviram de base para o que vem a seguir.

Gostaria de agradecer a outras quatro pessoas que leram todo o manuscrito e apresentaram muitas sugestões para melhorar o conteúdo e torná-lo mais fácil para os leitores: meu assistente pedagógico, Dean Pinter, que também elaborou o índice de passagens bíblicas; minha filha — e aluna da Regent College — Cherith Nordling; meu filho Mark, que leu o manuscrito com olhos de pastor para o benefício de seu rebanho; e especialmente minha esposa, Maudine, que trabalhou com paciência todo o texto para eliminar um pouco da “gordura” e da “linguagem professoral”, e de quem algumas vezes tomei emprestado as escolhas de estilo. É com alegria que dedico este livro a ela, companheira e amiga maravilhosa, no ano em que completamos quarenta anos de casados.

Mais algumas observações derivadas de meu trabalho com *GEP* podem ser úteis ao leitor:

Primeira, a despeito de algumas (esperadas) objeções, continuo a basear minha teologia de Paulo nas treze cartas canônicas que lhe são atribuídas. Os que fazem objeções a essa posição precisarão se valer de outros argumentos para me convencer a mudar de ideia.

Segunda, a maior parte das listas de referências segue o que considero ser a ordem cronológica das cartas: 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Romanos, Filemom, Colossenses, Efésios, Filipenses, 1 Timóteo, Tito, 2 Timóteo.

Terceira, as traduções do texto bíblico são minhas, a não ser que estejam identificadas (A21, NVI etc.), embora uma vez ou outra eu tenha alterado apenas levemente as traduções existentes.

Quarta, no capítulo 2 de *GEP* apresento um panorama um tanto técnico de todas as acepções de *pneuma* (“Espírito/espírito”) e *pneumatikos* (“espiritual”) nos escritos paulinos. Pensando no leitor deste livro, apresento a seguir duas conclusões que influem nas traduções e nas acepções:

a. Em alguns lugares, é extremamente difícil distinguir entre o “espírito” de Paulo e o papel do Espírito Santo. Por exemplo, quando ele escreve “meu *pneuma* ora” (1Co 14.14), o contexto nos dá certeza de que Paulo pretende dizer algo como “o Espírito Santo ora por meio de meu próprio espírito”. Traduzi esses casos lançando mão da deselegante forma “E/espírito” com o propósito de preservar a ambiguidade e assinalar o papel do Espírito em tais passagens.

b. São esmagadoras as evidências de que Paulo, inteiramente de acordo com o uso no primeiro século, nunca pretendeu que *pneumatikos* se referisse quer ao espírito humano, quer a alguma ideia vaga como “espiritual”, que em nosso idioma pode ser usado como adjetivo no sentido de “religioso”, “não material”, “sobrenatural”, “não secular” ou “piedoso”. Em todos os exemplos de Paulo ele se refere ao Espírito Santo, mesmo quando, em 1 Coríntios 9.11, ele o contrasta com coisas “materiais”. Por isso, ao usá-lo no sentido paulino, grafo o adjetivo com inicial maiúscula (Espiritual; cf. Espiritualidade); a forma com

inicial minúscula, “espiritual”, é adotada quando diz respeito ao sentido que o adjetivo tem nos dias de hoje.

Quinta, uma das deficiências deste livro é que não procurei comparar Paulo a outros autores do Novo Testamento. Meu objetivo foi ouvir o apóstolo sem interferências externas. E minha esperança é que este livro se coloque ao lado de outros da mesma natureza: de Gary Burge (sobre os textos de João), de James Shelton (sobre Lucas-Atos) e de Gerald Hawthorne (sobre Jesus).

Por fim, escrever *GEP* transformou minha vida. Sinto-me humildemente gratificado por saber que muitas pessoas — por carta, telefone ou em contato pessoal — foram beneficiadas pela leitura das partes exegéticas daquele livro. Apresento esta versão do mesmo conteúdo orando com fervor para que ele tenha efeito semelhante sobre muitos que o lerem.

Dia de Reis, 1996

| INTRODUÇÃO

Um convite a uma releitura de Paulo

*Estará fazendo uma leitura deficiente qualquer
pessoa que ler Paulo e não reconhecer que,
para ele, a presença do Espírito como experiência
e realidade viva era uma questão fundamental para
a vida cristã, do início ao fim.*

Os cristãos de hoje têm o direito de estar preocupados. Num mundo cada vez mais secular, individualista e relativista — chamado “pós-cristão” na década de 1960 e agora denominado “pós-moderno” —, a igreja costuma ser vista, na melhor das hipóteses, como irrelevante, mas pode até ser tachada de pré-histórica. Na realidade, a igreja tem boa parte da culpa, principalmente muitos que não se orgulham de ter uma fé histórica ortodoxa. De fato, uma grande parcela de nossa ortodoxia tem sido diluída por uma aliança profana com algum interesse político ou reduzida pela ética legalista ou relativista totalmente desvinculada do caráter de Deus ou que se tornou ineficaz em virtude de um racionalismo generalizado num mundo cada vez mais não racionalista.

No entanto, há motivos para termos esperança, uma vez que o pós-modernismo contemporâneo tem muitas semelhanças com a cultura do mundo greco-romano no qual o evangelho surgiu por volta de dois mil anos passados. O segredo para o sucesso dos primeiros crentes em sua cultura reside basicamente nas “boas-novas” centradas na vida, na morte e na ressurreição de Jesus. Emanuel havia chegado

trazendo tanto a revelação do caráter de Deus (“... há tanto tempo estou convosco e ainda não me conheces? Quem vê a mim, vê o Pai. Como podes dizer: Mostra-nos o Pai?”, Jo 14.9) quanto a redenção de nossa trágica pecaminosidade (“... um filho, a quem darás o nome de Jesus; porque ele salvará seu povo dos seus pecados”, Mt 1.21). Mas o sucesso daqueles crentes reside também na experiência com o Espírito, que fez da obra de Cristo uma realidade poderosa naquelas vidas, tornando-as uma alternativa radical dentro da cultura em que se encontravam.

De modo geral, nossa situação costuma ser outra. Temos (acertadamente) nos concentrado em Jesus Cristo, mas não temos tanta certeza no que diz respeito ao Espírito Santo. Apesar de nossas afirmações nos credos e hinos e das referências ao Espírito feitas da boca para fora esporadicamente em nossas conversas, ele tem sido deixado de lado tanto nas salas de aula quanto na vida da igreja como comunidade de fé.

Não estou dizendo que o Espírito Santo não esteja presente; ele está, sem dúvida, pois, se assim não fosse, nem pertenceríamos a Cristo. Todavia, o que tem sido profundamente enfatizado na atividade do Espírito é sua quietude, amplamente baseada na figura extraída do encontro de Elias com Deus no monte Horebe, onde o Senhor não se manifestou no vento forte, nem no terremoto nem no fogo, mas veio a Elias numa voz mansa e suave (1Rs 19.11,12). Essa percepção encontra apoio no Novo Testamento quando se enfatiza o “fruto do Espírito” (Gl 5.22,23) e se afirma que os “dons do Espírito” em 1Coríntios 12—14 limitaram-se ao período apostólico. A quietude, entretanto, tem sido causa de anemia, não somente na igreja como coletividade, mas também em indivíduos, o que em parte fica evidenciado pela grande quantidade de formas pelas quais os crentes, como indivíduos, têm desejado um sentido maior da presença de Deus na vida.

Essa “ausência” comum do Espírito como realidade experiencial e capacitadora foi muitas vezes “corrigida” ao longo da história, por

meio de uma variedade de movimentos do Espírito — mais recentemente no século 20 sob a forma dos movimentos pentecostal e carismático. A ênfase nesse caso é colocada no “vento forte, terremoto e fogo”, e os textos básicos encontram-se em Atos e 1Coríntios 12—14. Esses movimentos do Espírito têm se inclinado também a ressaltar a espiritualidade individualista, de sorte que a realidade do Espírito é algumas vezes meramente sentida na experiência. Muitas vezes essa espiritualidade está destituída de base exegética sólida e de reflexão teológica adequada.

No final, o resultado tende mais para uma visão truncada do Espírito em ambos os lados, acompanhada por uma visão insatisfatória de como Paulo entendia o papel do Espírito no viver cristão. Para ele, a vida no Espírito deveria incluir tanto o fruto quanto os dons, simultânea e poderosamente — algo que tenho chamado de vida vivida no centro. Para Paulo e suas igrejas, o Espírito como realidade experiencial e capacitadora era o agente fundamental para toda a vida cristã, do começo ao fim. Ele incluía tudo: poder para a vida, crescimento, fruto, dons, oração, testemunho e as demais coisas.

No entanto, se de um lado faltar a dimensão capacitadora e experiencial da vida no Espírito, duas outras realidades, que para Paulo fazem parte da própria essência da fé, estarão muitas vezes ausentes em ambos os lados. Primeira, o Espírito como pessoa, a volta prometida da presença pessoal de Deus com seu povo; segunda, o Espírito como cumprimento escatológico (veja o capítulo 5), que tanto estabelece um novo povo de Deus quanto nos capacita a viver a vida do futuro em nossa existência “entre os tempos” — entre o tempo da primeira vinda de Cristo e o da segunda.

Para que a igreja seja eficaz em nosso mundo pós-moderno, precisamos parar de tratar o Espírito com hipocrisia e procurar restabelecer a perspectiva de Paulo: o Espírito como a volta da *presença pessoal* do próprio Deus entre nós, *experiencial e capacitadora*, que nos dá condições de viver como povo radicalmente *escatológico* no mundo atual, enquanto esperamos a consumação. Todas as outras

coisas, incluindo o fruto e os dons (isto é, a vida ética e as expressões carismáticas na adoração), servem a este fim.

Por isso, lanço aqui o “convite” para uma leitura de Paulo com novos olhos, com o fim de observar o papel fundamental do Espírito na vida e no pensamento do apóstolo, bem como na vida de suas igrejas. Tal leitura, insisto, deve ser inteiramente exegética — daí a razão das frequentes referências à exegese apresentadas em *GEP* — e plenamente teológica, para observar como o Espírito se encaixa no quadro maior da teologia paulina. Essa releitura deixará claro que, para ele, a presença do Espírito como realidade experiencial e viva era a questão fundamental para a vida cristã, do começo ao fim. Uma vez que essa é uma declaração teológica, será necessário tratar de algumas questões teológicas preliminares no capítulo 1. Por isso, quero motivar o leitor a não se deixar deter pela leitura, pois o capítulo 1 é necessário para estabelecer um ponto de referência para o restante do livro.

1 | UMA “TEOLOGIA” DO ESPÍRITO?

O Espírito na teologia paulina

Nossa teologia e experiência do Espírito precisam estar mais entrelaçadas para que a vida do Espírito por nós experimentada seja mais eficiente.

Recordo-me bem da declaração do professor de teologia do meu curso de bacharel, que dizia enfaticamente: “*Cada um tem uma teologia [isto é, alguma visão rudimentar de Deus e do mundo, com base na qual a pessoa vive]; a questão não é se você tem uma teologia — você a tem — mas se você tem uma boa teologia*”.

Portanto, não é preciso explicar que este livro trata basicamente da *teologia* de Paulo, ou seja, como Paulo entendia Deus e seus meios, e o papel do Espírito nessa teologia. Para alguns, naturalmente, um livro de “teologia” do Espírito é o beijo da morte, e de muitas maneiras me incluo neste grupo. Mas falta-nos uma palavra melhor; e, no final das contas, a saúde da igreja contemporânea exige que sua *teologia* do Espírito e sua *experiência* do Espírito se harmonizem muito mais do que aconteceu em grande parte do passado.

De modo geral, a teologia implica uma compreensão ponderada e reflexiva das realidades divinas, mostrando de que modo nossas várias crenças sobre Deus e seus caminhos podem ser organizadas num todo coerente. Entretanto, Paulo não reflete sobre o Espírito Santo mais do que sobre a importância da ceia do Senhor ou sobre as relações dentro da Trindade, verdades que ele pressupõe e que

PARA PAULO, A PRESENÇA DO ESPÍRITO COMO EXPERIÊNCIA E REALIDADE VIVA É UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL PARA A VIDA CRISTÃ, DO INÍCIO AO FIM.

O segredo do sucesso dos primeiros crentes na cultura em que estavam inseridos estava nas “boas-novas” centradas na vida, na morte e na ressurreição de Jesus assim como na experiência com o Espírito, que fez da obra de Cristo uma realidade poderosa naquelas vidas. Para que a igreja seja eficaz em nosso mundo pós-moderno, precisamos procurar restabelecer a perspectiva de Paulo: o Espírito como a volta da *presença pessoal* do próprio Deus entre nós, *experencial e capacitadora*, que nos dá condições de viver como povo radicalmente *escatológico* no mundo atual, enquanto esperamos a consumação.

Paulo, o Espírito e o povo de Deus lança o “convite” para revisitarmos os escritos de Paulo, com o fim de observar o papel fundamental do Espírito na vida e no pensamento do apóstolo, bem como na vida de suas igrejas.

ISBN 978-85-275-0599-4



9 788527 505994


VIDA NOVA

vidanova.com.br